

Diseño Pluriversal: Entre Futuros, Territorios y Otras Narrativas

Ana Paula Medeiros Teixeira dos Santos,
Gabrielle Lana Linhares, Tatiana de Castro e Souza
y Marcelina das Graças de Almeida⁽¹⁾

Resumen: Este artículo articula tres investigaciones de doctorado desarrolladas en el Programa de Posgrado en Diseño (PPGD) de la Universidad del Estado de Minas Gerais (UEMG), que parten de perspectivas contra coloniales, pluriverbales y epistemologías situadas. El texto reflexiona sobre cómo imaginar, proyectar y construir futuros que valoren saberes, temporalidades y existencias históricamente silenciadas. El objetivo es proponer prácticas proyectuales contracoloniales que descolonicen el futuro, valoren los saberes y haceres, las temporalidades circulares y las memorias colectivas. La primera investigación trata sobre el diseño de futuros vía amefricanidad, afrofuturismo y futurismos indígenas; la segunda, diseñoantropología en Mocambeiro, sobre saberes femeninos socioambientales; y la tercera analiza los haceres manuales de mujeres y sus narrativas. Como resultado, se evidencia un diseño relacional y pluriversal, donde el protagonismo de comunidades marginadas no es un añadido, sino el fundamento para futuros transformadores, abriendo encrucijadas epistemológicas.

Palabras clave: diseño de futuros - diseñoantropología - pluriverso - afrofuturismo - narrativas

[Resúmenes en inglés y español en la página 179]

(1) Ver CVs en pág. 180

Introdução

Os pensamentos fronteiriços propõem novas realidades para além do Antropoceno e da Cosmofobia (Santos, 2023), que envolvem o colonialismo, o capitalismo e as condições raciais, especialmente a dicotomia homem/natureza, abrindo possibilidades de transgressão desse sistema moderno binário. Esses pensamentos partem dos saberes tradicionais dos povos originários, articulando confluência, compartilhamento, circularidade, oralidade e cultura, em perspectivas que horizontalizam o conhecimento (Santos, 2023) e abrangem as cosmovisões de comunidades afrodiáspóricas.

A sabedoria contracolonial compreende o conhecimento como circular, imersivo e compartilhado por meio das rodas de saberes, preservando memória, identidade histórica e continuidade cultural. Aprender a desaprender constituições, portanto, uma forma de ruptura com o *status quo* (Walsh, 2016) e permite a emergência de novos repertórios afetivos e intelectuais (Louro, 2012).

O campo do Design tem sido questionado por críticas que apontam para sua construção histórica como instrumento à serviço da colonialidade, produzindo eurocentrismo, epistemicídios e esquecimentos. Diante destas dinâmicas, pesquisadoras vinculadas ao Programa de Pós-graduação em Design da Universidade do Estado de Minas Gerais (PPGD/UEMG) têm desenvolvido investigações que se articulam a partir de epistemologias situadas, abordagens críticas à colonialidade e perspectivas pluriversais, tensionando os limites disciplinares do design enquanto campo.

Este artigo parte de uma preocupação comum: como imaginar, projetar e construir futuros que não reproduzam as lógicas coloniais, eurocêtricas e excludentes do design e dos estudos de futuro? A partir de três pesquisas distintas de doutorado em desenvolvimento, cujos eixos temáticos convergem na direção de um design que busca reconstruir seu papel no mundo por meio de referenciais teórico-práticos outros, como design de futuros, designantropologia¹ e grafias outras por outras cosmovisões, o texto propõe articular um campo de reflexão em torno de práticas projetuais que sejam capazes de descolonizar o futuro, valorizando saberes, temporalidades e formas de existência que foram historicamente silenciadas (Gonzalez, 1988; Martins, 2021; Santos, 2023; Noronha; Abreu, 2021).

A primeira pesquisa apresentada investiga o design de futuros com base em uma perspectiva crítica às colonialidades, considerando sua influência na imaginação e construção de cenários de futuros e metodologias projetuais. A partir do conceito de amefricanidade (Gonzalez, 1988), a tese propõe uma abordagem crítica dos estudos de futuros e do design, utilizando o afrofuturismo e os futurismos indígenas para pensar possibilidades teórico-práticas para o design de futuros enquanto área emergente.

A segunda pesquisa, intitulada “designantropologia¹: entrelaçando passado e presente através das tramas de conhecimento feminino em Mocamboiro”, investiga as relações entre as pessoas que habitam Mocamboiro - distrito da cidade de Matozinhos/Minas Gerais - e os múltiplos elementos que compõem o ambiente deste território. Guiada pelo designantropologia – abordagem que une a prática projetual às vivências da pessoa pesquisadora – a investigação se aprofunda na percepção de que as pessoas mocamboirenses, em especial suas mulheres, não se reconhecem como parte inerente do contexto ambiental local, apesar de serem detentoras de conhecimentos essenciais sobre aquele território. Utilizando as práticas de correspondência como técnica para uma escuta atenta, a pesquisa busca entretecer e dar visibilidade a esses registros preciosos, o que contribui para regenerar não apenas as conexões socioambientais, mas também o lugar de protagonismo do saber feminino na construção de práticas de conservação mais relacionais e situadas.

E a terceira, e última, pesquisa questiona se os fazeres manuais e objetos artesanais produzidos por mulheres, veiculam histórias não contadas pela linguagem escrita. Indaga-se quais narrativas se manifestam em suas imagens, construções e materialidades, de modo a contemplar novas formas de recontar histórias a partir das mulheres negras e de seus fazeres, evidenciando vozes omitidas e caminhos para futuros transformadores no campo do design.

2. Design de futuros, afrofuturismo e futurismos indígenas

No Brasil, é crescente o número de cursos livres e acadêmicos focados em design de futuros e, como abordagem em desenvolvimento, são diversas suas definições. Peña e Anastassakis (2024), designers brasileiras, definem design de futuros como uma abordagem projetual que vem sendo mobilizada como ferramenta nos meios políticos, empresariais e culturais e que utiliza metodologias para compreender e desenvolver especulação e antecipação de cenários possíveis a serem alcançados ou evitados.

Por outro lado, Saijo (2020), economista japonês, define *future design* (design de futuros) como um campo de pesquisa e prática que propõe mecanismos para integrar as perspectivas das gerações futuras nas decisões políticas e econômicas atuais. O autor parte do princípio de que tanto as democracias quanto os mercados consomem recursos das gerações futuras sem considerar suas necessidades e propõe que as novas gerações sejam levadas em conta nas decisões e projetos. Para Saijo, o design de futuros é uma abordagem em construção que ainda carece de pesquisa e propostas de metodologias e processos próprios que o diferenciem do *foresight*.

Desta forma, compreendemos o Design de Futuros como uma abordagem emergente e, por isso, em construção, que vem sendo teorizada e praticada principalmente no sul global, por designers e profissionais de outras áreas interessados(as) em estudos de futuros. Esta abordagem faz parte de um contexto de transformações e fluidez das fronteiras do design (Bremner; Rodgers, 2013), no qual emergiram abordagens do design mais diretamente comprometidas com a criação de futuros desejáveis, como o design especulativo (Dunne & Raby, 2013), o design de transições (Escobar, 2016; Tonkinwise, 2015; Irwin, 2025) e o design prospectivo (Botter; Fukushima; Gogola, 2020; Van Amstel, 2025).

Porém, ser capaz de imaginar, antecipar e planejar eventos numa sociedade não significa que os futuros resultantes serão bons para a maioria da população. Na história do planejamento de futuros, veremos a repetição e construção de diversas opressões e violências, silenciamentos e apagamentos. Lonny Avi Brooks (2016), designer e foresighter afrofuturista estadunidense, afirma que o campo de mapeamento e planejamento do futuro é excludente quando falamos de identidades raciais e interseccionais, criando uma elite que detém nas mãos quem planeja e terá “acesso ao futuro”, reproduzindo uma lógica colonial.

2.1. Colonialidade, design e futuro

Lonny Avi Brooks (2016) afirma que o campo de mapeamento e planejamento do futuro é excludente quando falamos de identidades raciais e interseccionais, criando uma elite que detém nas mãos quem planeja e terá “acesso ao futuro”, reproduzindo uma lógica colonial. Porém, as críticas às colonialidades dos estudos de futuros não são recentes. O futurista paquistanês Ziauddin Sardar (1993) afirma que, nos estudos de futuros, um padrão bem definido foi seguido, utilizando a relação dominante entre as culturas ocidentais e não ocidentais para definir e delinear o escopo e áreas de pesquisa, reproduzindo uma marginalização das culturas não ocidentais nas imagens e projetos de futuro.

O design também se estabeleceu de forma colonial no século XX, principalmente relacionado ao projeto dos futuros no Brasil. Neste contexto, Nicoletti e Montuori (2021) reforçam a necessidade de reconhecer o design como força motora do projeto de modernidade e colonial. Ainda que tenha havido enfrentamentos na área, o design se estabeleceu de forma excludente e invisibilizadora, reforçando processos de desigualdade de classe, raça, gênero e identidades não normativas, atuando como ferramenta das colonialidades e do apagamento de memórias.

Estabelecido de forma excludente e invisibilizadora, o design colaborou no reforço de processos de desigualdade de classe, raça, gênero e identidades não normativas, atuando como ferramenta da colonialidade do poder, atuando também de forma a marginalizar e produzir esquecimentos de outras possibilidades de imagens e projetos de futuro.

2.2 América Ladina

Diante deste contexto, como podemos imaginar, projetar e construir futuros não para, mas com uma população que sofre a violência constante da colonialidade, pessoas violentadas até mesmo pelo design e pela prática de futuros?

A proposta feita na tese se ancora no conceito de amefricanidade, de Lélia Gonzalez, para pensar alternativas na construção de outros designs e, assim, outros futuros que não os hegemônicos.

A amefricanidade é uma ferramenta possível para criar perspectivas críticas às colonialidades, pois propõe uma reconstrução e valorização de perspectivas negras e indígenas na construção de mundos. Segundo Gonzalez (1988), a amefricanidade possibilita “resgatar uma unidade específica, historicamente forjada no interior de diferentes sociedades que se formam numa determinada parte do mundo” (Gonzalez, 1988, p. 77).

Fonseca (2021) afirma que a amefricanidade pode ser compreendida como um projeto de resistência colonial, que diminui as fronteiras da América Latina ao pensar nas raízes que temos em comum. Nicolau e Santos (2022) apontam ainda para como amefricanidade tensiona a ideia de identidade nacional, organizada em torno do estado-nação, um dos componentes da colonialidade do poder (Quijano, 2005).

Desta forma, foram adotadas estratégias metodológicas na construção da tese: 1) priorização de fontes e pessoas autoras negras, indígenas e não brancas; 2) entrevistas com pessoas designers racializadas e que trabalhem com abordagens de futuros e 3) análise documental de visões/projetos de futuros de movimentos sociais negros e indígenas brasileiros.

A partir destas estratégias, foi possível especular e fabular possibilidades teórico-práticas para abordagens de design de futuros não eurocêtricas e críticas à colonialidade. Esta especulação vem sendo alimentada principalmente através do trabalho de designers e pessoas autoras que trabalham com afrofuturismo e futurismos indígenas.

2.3 Afrofuturismo e futurismos indígenas

Segundo Pérez Comisso (2023), futurismos oferecem formas alternativas de viver e ser no mundo. Olhar para o afrofuturismo e os futurismos indígenas pode construir possibilidades de um design de futuros pluriversal e amefricano (Gonzalez, 1988), que faça mais sentido para a realidade do continente.

Ainda que tenha começado como movimento especulativo nas artes, designers e foresighters negros como Loony Avi Brooks e o *Black Futurists Group* (Grupo de Futuristas Negros) vem utilizando o afrofuturismo em suas práticas de planejamento de futuros. Da mesma forma, influências de antecipação indígenas têm sido utilizadas por futuristas como o peruano Lucio Henao (Proseres Prospectiva Estratégica) que sistematizou o “Pensamento Ancestral Andino de Futuros”, um método de análise orientado aos futuros baseado no pensamento circular de povos andinos.

Segundo Márcia Almeida (2024), contrariando a narrativa colonial que justifica a ausência de corpos indígenas no futuro pela extinção, as narrativas de futuro a partir de perspectivas indígenas tiram indígenas de posições periféricas e objetificadas, e propõe relações da humanidade outras formas de subjetividades não humanas, questionando assim as hierarquias não somente raciais, mas entre espécies e formas de vida.

Almeida (2024) afirma que narrativas futuristas de movimentos como afrofuturismo e futurismos indígenas repensam não somente a presença de corpos negros e indígenas no futuro, mas também o protagonismo destes corpos, “contrariando a narrativa ocidental de miscigenação, bem como revertendo o processo de apagamento e silenciamento” (Almeida, 2024, p.4), caracterizando-se como um processo de de(s)colonização de futuros.

2.4 Outros designs e futuros possíveis

Já em 1984, o marroquino Mahdi Elmandjra apontava para a necessidade de que futuristas do norte e do sul global compreendessem a visão africana do mundo e que esse processo seria indispensável para a decolonização dos estudos de futuro. Elmandjra (1984) aponta que “estudos de futuro nunca serão livres de valores. Africanos nestes estudos precisam primeiro redescobrir seu passado e reafirmar seu presente antes de reclamar seu futuro” (Elmandjra, 1984, p. 577). Ele fala de África, porém, ao pensar na no conceito de amefricanidade, podemos entender que um processo parecido se aplica à América Latina. Bill Ashcroft (2013) também destaca a importância da memória nas diferentes sociedades africanas. O autor afirma que, para grande parte das culturas africanas, a memória tem um lugar central, inclusive nas visões de futuro, marcando a necessidade de problematizar as narrativas eurocêntricas que compreendem a história africana, assim como a latino-americana, apenas a partir do contato com o colonizador.

Segundo Ashcroft (2013), sem a memória não existe possibilidade de se pensar futuros que não sejam reproduções de um futuro europeu e capitalista. O autor afirma que, nas especulações de futuro de diferentes nações africanas, a utopia aparece como um ponto importante. Diferente da definição que vem do grego, explica Ashcroft (2013), utopia para o pensamento africano é uma ação conjunta para atingir um objetivo em comum.

Ailton Krenak (2022) afirma também a importância da memória e dos sonhos e a necessidade de se pensar futuros positivos, levando em conta as memórias dos ancestrais, ao afirmar que

[...] não podemos nos render à narrativa de fim de mundo que tem nos assombrado, porque ela serve para nos fazer desistir dos nossos sonhos, e dentro dos nossos sonhos estão as memórias da Terra e dos nossos ancestrais (Krenak, 2022, p. 37).

Este mesmo pensamento é corroborado por Lesley-Ann Noel (2023), ao afirmar que inserir visões positivas de futuros no processo de design possibilita às pessoas oprimidas espaço para sonhar, fora das amarras das opressões do presente, facilitando o processo de co-design de cenários mais diversos e o planejamento de caminhos para chegar neles. Assim, foi possível perceber pontos em comum entre afrofuturismo e futurismos indígenas, e de profissionais de estudos de futuros não brancos. Como principais pressupostos em comum é possível citar:

- 1 - A valorização da memória coletiva
- 2 - O questionamento da visão de tempo linear
- 3 - A importância da imaginação, do sonho e das utopias na construção de futuros
- 4 - Pluriversalidade em contraponto à universalidade

Desta forma, o trabalho segue em desenvolvimento buscando elaborar estratégias para incluir os pressupostos do afrofuturismo, dos futurismos indígenas e das práticas de designers negros e indígenas no processo de design de futuros, focando principalmente nas memórias de grupos marginalizados. Como área emergente, o design de futuros ainda não possui metodologias e ferramentas clássicas próprias da área, o que abre a possibilidade de construção de processos não eurocêtricos e pautados em outras epistemologias, que não as coloniais e eurocêtricas.

3. Designantropologia: entrelaçando passado e presente através das tramas de conhecimento feminino em Mocambo

3.1 Designantropologia: desmaterialização do design através de narrativas em correspondência

Designantropologia, juntos, em um mesmo fluxo, implica o acionamento de vivências, epistemologias e imaginações dos dois sistemas de conhecimentos ao mesmo tempo. Nossa opção em usar as palavras juntas é uma escolha política de não mais separar tais campos de conhecimento. Propomos aqui caminhar com o transbordamento deste encontro, criando subjetividades destes dentro-fora-dentro, em devir (Izídio, Farias & Noronha, 2022, p. 12).

Nesse sentido, a abordagem que conflui com as premissas do designantropologia reflete uma perspectiva de regeneração que nasce dos processos coletivos de reconhecimento de ressonâncias e tensões em práticas e princípios - e pode eventualmente incorrer em fricções com a já consolidada estrutura formal de investigação acadêmica.

A designer brasileira Coral Michelin descreve o conceito de regeneração enquanto um processo de autoconhecimento - individual, em primeira instância, mas coletivo quando orientado para um “re-fazer do design como campo de materialização da realidade” (Michelin, 2024, p. 27). Parte da identificação dos padrões comportamentais inconscientes; em seguida, da observação atenta da ocorrência desses padrões, seus gatilhos e consequências; do aprendizado decorrente desta postura atenta e, assim, das possibilidades de construção de novos padrões.

O conceito de ‘Posicionalidade’, desenvolvido por Lesley-Ann Noel (2023), se aproxima do pensamento regenerativo de Michelin quando preconiza uma prática reflexiva de identificar tanto a materialidade quanto a subjetividade investida pela pessoa designer no processo de design. Nas palavras de Noel (2023, p.4, tradução nossa): ‘saber quem eu sou informa o que eu quero mudar’².

A autora, em seguida, nos provoca por meio de determinadas perguntas que, analisadas em conjunto, convém a ideia de uma ‘Declaração de Posicionalidade’³.

1. Quem teve um grande impacto em você quando criança? E enquanto adulta?
2. Quais são algumas das mudanças sociais que as pessoas importantes para você têm experienciado em suas vidas?
3. Que mudanças sociais significativas você experienciou em sua vida?
4. Quais são algumas de suas muitas identidades? Alguma delas te deu mais acesso a alguma coisa? Alguma dessas identidades te negou acesso a alguma coisa?
5. Quando o mundo te encorajou a esconder ou celebrar suas identidades?
6. Qual é a mudança que pessoas com uma de suas identidades oprimidas necessitam para prosperar?
7. Qual é a mudança que você quer ver em cinquenta anos? Ou antes de você morrer?
8. Quais são alguns dos ingredientes e experiências positivos que te formaram?
9. Como a combinação de ingredientes que te formaram afetam a forma como você pensa sobre o mundo?⁴ (Noel, 2023, tradução nossa).

A resposta às perguntas de Michelin e Noel, ao contrário do “favorecimento de um hedonismo individualista” (Cara, 2010, p.88) que se possa presumir, é processo inicial de autoconhecimento da pessoa designer que a descentraliza da prática projetual em detrimento de se alimentar da inteligência empírica, difusa, cacofônica e arraigada no cotidiano comunal. Uma construção de conhecimento e de poder que reflete e está refletida numa abordagem de design engajada no fluxo da vida das pessoas (Noronha; Abreu, 2021, p.64).

3.2 Mocameiro enquanto contexto territorial de pesquisa

O município de Matozinhos tem área territorial de 252, 453 km² e população residente de 37.618 pessoas. Foi emancipado no ano de 1944, e é composto por um território repleto de patrimônios socioambientais de reconhecimento internacional (Linhares, 2021). Aqui possuímos especificidades geomorfológicas resultantes da interação de cursos d'água e do solo calcário – favorecendo a ocorrência de cavidades que, aliadas a outros importantes fatores naturais, se tornaram locais ideais para abrigar uma quantidade extraordinária de vestígios arqueológicos pré-históricos datados de, aproximadamente, 03 a 10 mil anos antes do tempo presente (Timo *et al.*, 2022).

A relevância da região de Matozinhos para a arqueologia se dá, também, pelo estudo de sítios arqueológicos constituídos no período da colonização brasileira por Portugal e da extração de ouro pelos bandeirantes em meados do século XVIII.

3.3 Dinâmica histórica e eixos temáticos da pesquisa

A trajetória da tese, desde o início do curso em agosto de 2022, já proporcionou a mudança de título - e a readequação metodológica que a motiva - por três vezes.

O projeto de pesquisa aprovado foi intitulado 'Diretrizes de Design para o engajamento comunitário na gestão de Unidades de Conservação'. A escolha se deu em decorrência de uma análise prévia do território por meio da perspectiva cultural e política – onde o ponto de vista político trata das relações espaciais de poder e o cultural é assumido como manifestação identitária das pessoas – com vistas a identificar teorias e práticas de design que estimulem o engajamento comunitário na gestão do elemento territorial com o qual lida no seu cotidiano – as Unidades de Conservação que compõem o ambiente em que vivem. Estes lócus privilegiados de observação da relação homem-território-patrimônio no estado de Minas Gerais, contribuiriam para reforçar o papel do Design enquanto estratégia de fomento à gestão pública e participativa destes espaços.

Após um aprofundamento nos conceitos de designantropologia e na leitura de produções acadêmicas que colocaram em evidência a perspectiva sul americana de design, o título da tese se tornou "a regeneração dos ecossistemas de Mocameiro: tramas reveladas pelo olhar do designantropologia". Neste momento, o ponto de partida seria a vivência da Unidade de Conservação pela comunidade no seu cotidiano, com vistas a estimular um movimento de (re) conhecimento, reflexo do papel de pessoa designer-membra da comunidade que atua enquanto catalisadora de encontros e entendimentos. Esta investigação apontava para uma oportunidade de direcionar a produção acadêmica no campo do design para atuação em contextos ambientais locais, que demanda ações cada vez mais orquestradas, e converge com esforços globais de estímulo à regeneração das relações entre os seres vivos, as coisas e a terra.

Neste momento, o foco se ampliou para entender como as pessoas mocambeirenses percebem o seu ambiente e como este mesmo ambiente foi moldado ao longo dos milênios. Fica latente a percepção de que conhecimentos diversos - especialmente o conhecimento

feminino - deixaram de ser valorizados no entendimento do relacionamento que une pessoas e natureza. O que emerge é uma tentativa de articular linhas do tempo diferentes: uma linha arqueológica milenar com a memória viva do ano de 2018 (Oliveira, da-Glória e Neves; 2018) com as percepções de 2025, para iluminar quem fala, quem sabe, e quem é ouvido na produção de conhecimento científico.

O título atual “designantropologia: entrelaçando passado e presente por meio das tramas de conhecimento feminino em Mocamboiro” reflete a recuperação do conhecimento feminino que enriquece o retrato histórico, ao passo que oferece pistas cruciais para a proteção ambiental, gestão patrimonial e políticas participativas de design que reconheçam e estimulem a diversidade de conhecimento. Este encontro entrelaça linhas do tempo, vozes e práticas de vida que, juntas, articulam memória, território e cuidado com o ambiente.

O Quadro 1 - Eixos temáticos da Pesquisa, sintetiza os pontos-chave que orientam a investigação em andamento:

Quadro 1 - Eixos temáticos da pesquisa

EIXO FILOSÓFICO	EIXO METODOLÓGICO	EIXO DO CONTEXTO SOCIAL
DESIGNANTROPOLOGIA	CORRESPONDÊNCIAS	PERCEPÇÃO AMBIENTAL E IGUALDADE DE GÊNERO
a narrativa é a chave para analisar as cosmologias e os elementos materiais que, junto com as pessoas, contribuem para a composição de sua forma de vida	tensionar as estruturas epistemológicas do design com uma postura aberta às experiências vividas	o conhecimento gerado pelas mulheres - sobre plantas medicinais, práticas curativas e cuidados domésticos - tem sido menos valorizado, menos citado e menos reconhecido
prática de design impulsionada pela inteligência da vida comunitária cotidiana	processo de design “como uma planta que cresce” (Ibarra, 2021, p.11)	uma perspectiva de gênero se vincula a uma visão histórica do poder e do conhecimento
um enfoque de design centrado no fluxo de vida das pessoas (Noronha e Abreu, 2021, p. 64)	para compreender a dinâmica da biodiversidade local e as cosmologias que influenciam diretamente a atividade produtiva (Santos e Noronha, 2023, p.279)	em Mocamboiro, as mulheres desempenham um papel fundamental na produção de alimentos, nas práticas curativas e medicinais, e no cuidado comunitário
	registros instantâneos de inteligência coletiva sobre questões ambientais	

Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Ao compartilhar o saber-fazer, chega-se a um lugar comunal onde toda experiência é validada, ainda que sejam diversas entre si (Noronha, 2018). Especialmente ao considerar a perspectiva de gênero na produção científica de Mocambeiro, se desdobram daí inúmeras possibilidades de friccionar as ideias pré-estabelecidas sobre o que é design? o que é natureza/meio ambiente? quem (re) produz conhecimento? Sigamos investigando as respostas a estas perguntas, bem como dando espaço para que novas perguntas sejam formuladas.

4. Grafias outras por outras cosmovisões

A escrita, a palavra e a imagem constroem narrativas, moldam identidades nacionais, planejam programas modernizadores e organizam a compreensão do mundo em termos de inclusão e exclusão. Nesse sentido, Bispo dos Santos (2023) argumenta que as palavras são sementes capazes de enfraquecer o colonizador, criar novas denominações e gerar “palavras vivas” na língua portuguesa, um “feitiço” que, segundo o autor, confunde os eurocolonizadores.

Tempo espiralar e Circularidade, elaborações epistemológicas formuladas por Leda Maria Martins e Antônio Bispo dos Santos, apresentam modos de ser, perceber e se relacionar que rompem com a lógica colonial ao deslocar a narrativa do centro para a fronteira, abrindo encruzilhadas de possibilidades onde antes havia apenas um caminho imposto pelo sistema opressor.

A Circularidade, para Santos (2023), refere-se à vida quilombola como processo cíclico e não linear — começo, meio e recomeço. Já Martins (2021) desenvolve o conceito de “Tempo espiralar”, temporalidade que se opõe ao pensamento ocidental linear, manifestando-se na voz, na memória ritual e nos gestos. Assim, a história não se reduz a uma linha evolutiva; compreender esse tempo implica deslocar o eurocentrismo e a noção de superioridade histórica (Martins, 2021).

4.1 Circularidade e Tempo espiralar

A lógica hegemônica do saber impõe uma única cultura, língua e escrita, silenciando os conhecimentos de outros povos (Spivak, 2010). Diante disso, Martins (2021) e Santos (2023) formulam uma crítica a essa dicotomia, rejeitando o massacre epistemológico vinculado à colonização, à escravização e ao genocídio.

A concepção de hierarquia entre as línguas e linguagens, sustenta relações de dominação que resultam no apagamento de outras epistemologias. Mesmo com raízes orais, Santos (2018) demonstra que as comunidades quilombolas foram compelidas a aprender a escrita para traduzir contratos de demarcação de terras impostos pela sociedade branca colonialista, deslocando assim um saber tradicional pautado na relação com a terra.

A adoção da escrita alfabético-numérica consolidou opressões e apagou saberes plurais (Martins, 2021, p. 34).

A transmissão oral mantém viva a cultura por meio do compartilhamento e da prática coletiva. Para Martins (2021, p. 93), nas culturas africanas e afro-brasileiras, a palavra falada carrega eficácia e poder, sendo o próprio acontecimento anunciado. A autora ainda observa que todas as culturas preservam memórias de saberes por meio de repertórios orais e corporais, as quais operam como mecanismos de criação, transmissão e preservação (Martins, 2021, p. 40).

A memória não se restringe a museus ou arquivos; ela é continuamente recriada pela oralidade e pela corporeidade, especialmente em comunidades majoritariamente orais e gestuais, que articulam a vida urbana à cosmovisão quilombola. O corpo e o território configuram-se como suportes centrais de memória e conhecimento na diáspora, funcionando como espaços de resistência ao racismo e ao colonialismo epistemológico (Rufino; Simas, 2018). O corpo negro carrega as marcas das opressões e das dores da escravidão, mas também das resistências, das alegrias e dos movimentos corporais expressos no trabalho, na arte e na vida cotidiana (Nascimento, 2003). O corpo e a corporeidade especificam, portanto, uma força de resiliência que sustenta a memória coletiva.

4.2 Imagens pensantes

A imagem é compreendida como forma pensante, capaz de veicular e prolongar ideias, mobilizando percepções e estimulando reflexões (Samain, 2012; Martins, 2021). A sociologia da imagem, conforme Rivera Cusicanqui (2015), propõe a leitura de desenhos e representações visuais como teorias do colonialismo, aptas a revelar dinâmicas sociais ausentes na escrita oficial e a permitir a construção de uma história contestada (Smith, 2018). Martins (2021) ressalta que os saberes africanos e afro-brasileiros resistem por meio de códigos sensoriais e artísticos, configurando formas de (re)existência diante do colonialismo eurocêntrico (Lugones, 2014).

No campo das artes e do design, ainda há escassa representatividade de mulheres negras em destaque, em razão da persistência de narrativas que marginalizam saberes não escritos. Segundo Evaristo (2020, p. 54), “a escrevivência não pode ser lida para «minar os da casa-grande», mas para incomodá-los em seus sono injustos”. Entre estas artistas e designers que se destacam nesse contexto estão Rosana Paulino, Goya Lopes e Silvana Mendes.

Rosana Paulino, artista visual, educadora e pesquisadora nascida em São Paulo, aborda em sua produção questões relacionadas à raça, gênero e violência racial. Suas obras problematizam a posição da mulher negra na sociedade brasileira e denunciam mecanismos de dominação. Destacam-se sua exposição na Pinacoteca de São Paulo e sua participação na Bienal de São Paulo, com trabalhos como *Bastidores*, que refletem sobre o silenciamento imposto às mulheres negras. (Figura 1).



Figura 1: Bastidores (1997). Exposição Costura da Memória. Pinacoteca de São Paulo (2018 a 2019). Fonte: Reprodução/Museu de Arte Moderna (MAM).

Kilomba (2017) dialoga com essas questões ao discutir a “máscara do silenciamento”. Nas aquarelas de Paulino, a integração entre corpo, natureza e matriz africana promove suporte identitário e valorização da memória ancestral. (Figura 2).



Figura 2: Espada Iansã, Rosana Paulino (2022). Série Senhora das plantas, aquarela e grafite sobre papel. Fonte: Galeria Eva Klabin/divulgação.

De acordo com Martins (2021), a ancestralidade ordena as relações sociais, religiosas e metafísicas, enquanto Gonzalez (1984) enfatiza as lutas e redes de solidariedade como estratégias de resistência.

Goya Lopes, nascida em Salvador, utiliza uma estamperia para narrar a ancestralidade afro-brasileira. Vencedora do Prêmio Museu da Casa Brasileira (1993), lançou em 2010 a marca *Goya Lopes Design Brasileiro* e o livro “Imagens da diáspora”, em parceria com Gustavo Falcón. Sua obra destaca a influência africana na formação cultural brasileira e o intercâmbio entre populações negras, indígenas e brancas, valorizando manifestações artísticas como a dança, a capoeira, o samba e o congado (Gomes, 2019). (Figura 3)



Figura 3. Fonte: Livro *Imagens da diáspora*. Goya Lopes e Gustavo Falcón (2010).

Silvana Mendes, multi artista visual, desenvolve uma prática baseada em pesquisas sobre questões raciais, territoriais e políticas de afirmação. Utilize a camada, a pintura, a videoarte e a fotografia para criar as “afetocolagens”, nas quais busca desconstruir visualidades negativas e estereótipos associados aos corpos negros na história afro-atlântica. A artista também se vale do muralismo e do *lambe-lambe* como meio de promover uma prática artística descolonizadora, que problematiza relações de poder, elitização e recortes raciais nos movimentos artísticos (Gomes, 2019). (Figura 4).



Figura 4: Colagem sem título. Silvana Mendes. Fonte:<https://www.pipaprize.com/silvana-mendes/>

4.3 Fazeres e saberes que comunicam no silêncio

Os fazeres manuais de costura e bordado das mulheres refletem o contexto social e histórico de suas épocas, preservando memórias e tradições. Durante a ditadura chilena (1973-1990), as arpilleras, feitas com tecidos de roupas de desaparecidos, denunciaram violações de direitos humanos, funcionando como registros visuais e narrativas de resistência (Agosín, 1985; Negi, 2012). (Figura 5).



Figura 5: Exemplo de um bordado das Arpilleras. Fonte: <https://cachandochile.wordpress.com/2010/09/11/chilean-arpilleras-a-chapter-of-history-written-on-cloth/> (07/02/2025).

Inspiradas pelas arpilleras as mulheres do Movimento dos Atingidos por Barragens que foi formado depois dos desastres causados pelos rompimentos das barragens de rejeitos de mineração em Mariana (2015) e Brumadinho (2019) em Minas gerais, utilizam seus bordados para denunciar a tragédia, com a técnica de retalhos de tecidos formando imagens. (Figura 6).



Figura 6. Fonte: <https://mab.org.br/arpilleras-do-mab/privatizacao-que-mata/>

Em Moçambique, as *capulanas* (Figura 7) — tecidos estampados amplamente usados por mulheres — comunicam histórias, eventos e emoções por meio de seus núcleos e padrões, marcando temporalidades, vínculos sociais e funcionando como linguagem silenciosa e gestual (Assunção, 2023).



Figura 7: Feira em Moçambique, com capulanas expostas. **Fonte:** <https://tramascoloniais.com.br/episodio-5-por-que-tem-gente-que-acha-isso-bonito/>

5. Considerações finais

As três pesquisas aqui apresentadas revelam que o design, quando entendido a partir de perspectivas pluriversais, pode ser não apenas uma ferramenta funcional da racionalidade moderna e se tornar um campo aberto às epistemologias e práticas de grupos não hegemônicos.

As considerações finais deste artigo convergem para a compreensão de que descolonizar o futuro implica descolonizar, simultaneamente, o design, o conhecimento e as formas de narrar o mundo. Ao articular o design de futuros, a designantropologia e as grafias outras por outras cosmovisões, as três pesquisas aqui apresentadas demonstram que não se trata apenas de incluir novos temas ou assuntos nos debates projetuais, mas de deslocar os referenciais hegemônicos que definem o que conta como conhecimento, quem pode projetar e quais futuros são considerados possíveis ou desejáveis. Nesse sentido, a centralidade dos saberes tradicionais, das memórias coletivas, dos fazeres manuais e das experiências corporificadas evidencia a urgência de epistemologias situadas, pluriversais e críticas à colonialidade.

Os pensamentos fronteiriços e a sabedoria contracolonial indicam que aprender a desaprender é um gesto político e metodológico fundamental para romper com o *status quo*, abrindo espaço para repertórios afetivos e intelectuais que tensionam o sistema moderno-colonial. As investigações realizadas no âmbito da disciplina de design e diversidade - PPGD/UEMG mostram que, aproximar das cosmovisões afrodiáspóricas, indígenas e comunitárias, permite ao design colaborar na potencialização de processos regenerativos, de recomposição de vínculos entre pessoas, territórios e memórias. Nesse movimento, o protagonismo de mulheres negras, indígenas e de comunidades locais revela-se como fundamento para a construção de futuros outros.

Por fim, as três pesquisas evidenciam que imaginar, projetar e materializar futuros exige um compromisso ético com a vida em sua pluralidade, com a escuta das vozes historicamente silenciadas e com a reconfiguração das práticas projetuais. Ao mobilizar conceitos como amefricanidade, designantropologia, circularidade, tempo espiralar e grafias das mulheres negras, o artigo aponta caminhos para um design que se compreende como prática situada, relacional e ativista, contra o racismo, o patriarcado e o epistemicídio. Assim, mais do que oferecer respostas definitivas, as reflexões aqui propostas convidam a manter abertas as encruzilhadas, a cultivar dúvidas e a seguir formulando novas perguntas sobre que futuros queremos e, sobretudo, a partir de quais saberes desejamos construí-los.

Notas

1. Designantropologia - grafado com d minúsculo e incorporando os dois conceitos - é a forma como as abordagens em Design Anthropology têm sido denominadas desde que Izídio, Farias e Noronha (2022) propuseram esta grafia, reflexo de um movimento de contraconstrução teórica (Noronha; 2023, p.20) situado no Narrativas em Inovação, Design e Antropologia (NIDA) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Esta premissa converge com a afirmação de Michelin (2024, p.39) de que o Design Maiúsculo se impõe enquanto mecanismo hegemônico, ao passo que design reflete a amplitude da prática projetual.
2. Knowing who I am informs what I want to change.
3. Positionality Statement no original.
4. Perguntas: 1. Who had a big impact on you as a child? As an adult? - 2. What are some of the social changes that the people who are significant to you have experienced in their lives? 3. What significant social changes have you experienced in your life? - 4. What are some of your many identities? Do any identities give you greater access to anything? Do any of these identities deny you access to anything? - 5. When was the world encouraged you to obscure or celebrate your identities? - 6. What is the one change that people with one of your oppressed identities need in order to thrive? [...] - 7. What is one change you want to see in fifty years? Or before you die? - 8. What are some of the positive ingredients and experiences that have made you? - 9. How does the combination of ingredients that made you affect how you think about the world?

Referências Bibliográficas

- Agosin, M. Agujas que hablan: las arpilleristas chilenas. *Revista Iberoamericana*, v. 51, n. 132- 3, p. 523-9, Jul. 1985.
- Almeida, M.G. Ximan Poteh: Iluminando caminhos para o Futurismo Indígena na Literatura Brasileira. *Cenas Educacionais*, v. 7, p. e17817-e17817, 2024. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/cenaseducacionais/article/view/17817>. Acesso em: 2 jan 2025.

- Ashcroft, B. African futures: the necessity of utopia. In: *International Journal of African Renaissance Studies*, v.8 (1), 2013, p. 94-114.
- Assunção, H. S. Dar a ver o indizível: as capulanas no norte de Moçambique. *Rev. antropol.* (São Paulo, Online) | v. 66: e188052 | USP, 2023.
- Botter, Fernanda; FUKUSHIMA, Kando; GOGOLA, Milena Maria Rodege. Prospectando futuros para a educação superior no contexto pós-pandemia COVID-19. *Estudos em Design*, v. 28, p. 96-109, 2020. Disponível em: <https://estudosemdesign.emnuvens.com.br/design/article/view/1021/448>. Acesso em: 24 jun. 2025.
- Bremner, Craig; RODGERS, Paul. Design without discipline. *Design Issues*, v. 29, n. 3, p. 4-13, 2013.
- Brooks, L. A. Playing a minority forecaster in search of Afrofuturism: where am I in this future, Stewart Brand? In: ANDERSON, R.; JONES, C. R. (org). *Afrofuturism 2.0: The rise of Astro-blackness*. Londres: Lexington Books, 2016, p.149 a 166.
- Cara, M. *Do desenho industrial ao design no Brasil: uma bibliografia crítica para a disciplina*. Coleção Pensando o Design. São Paulo: Blücher, 2010. 97 p.
- Dunne, Anthony; RABY, Fiona. *Speculative everything: design, fiction, and social dreaming*. Cambridge: MIT Press, 2013.
- Elmandjra, M. Reclaiming the future: futures studies in Africa. In: *Futures*, Volume 16, 1984, p. 574-578. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/0016328784901198>. Acesso em: 20 jul de 2023.
- Escobar, A. *Autonomía y Diseño*. La realización de lo comunal. Popayán: Universidad del Cauca. Sello Editorial, 2016.
- Escobar, Arturo. *Designs for the pluriverse: radical interdependence, autonomy, and the making of worlds*. Durham and London: Duke University Press, 2018.
- Evaristo, C. *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo / org. Constandância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes; ilustrações Goya Lopes*. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.
- Gomes, N. L. A compreensão da tensão regulação/emancipação do corpo e da corporeidade negra na reinvenção da resistência democrática. *Perseu: história, memória e política*, n. 17, 2019.
- González, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: SILVA, L.A. et al. *Movimentos sociais urbanos, minorias e outros estudos*. Ciências Sociais Hoje, Brasília, ANPOCS, n. 2, p. 223-244, 1984.
- González, L. A categoria político-cultural da amefricanidade. In: *Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, Nº. 92/93 (jan./jun.). 1988, p. 69-82
- Ibarra, M. C. *Design como correspondência: antropologia e participação na cidade*. Série Livro-Texto. Recife: Ed. UFPE, 2021. 253 p.
- Irwin, Terry. *Transition design: a proposal for a new area of design practice, study and research*. Design & Culture Journal, Londres, v. 7, p. 229-246, 2015.
- Izídio, L. C. L; FARIAS, L. G. D. de; NORONHA, R. G. Reapropiación ontológica a través del diseño antropología: producción de narrativas y subjetividades con artesanas en Paço do Lumiar, Maranhão. *RChD: Creación Y Pensamiento*. v.7, n.12, 2022. p. 5-22.
- Kilomba, G. A máscara. *Piseagrama*, Belo Horizonte, v. 11, p. 26-31, 2017.

- Krenak, A. *Futuro ancestral*. Companhia das Letras, 2022.
- Linhares, G. L. *Contribuições do design para a gestão de um ecomuseu*. Dissertação (Mestrado em Design). Universidade do Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2021. 137 p.
- Louro, G. L. *Os estudos queer e educação no Brasil: articulações, tensões, resistências*. Contemporânea, v. 2, n. 2, p. 363-36, 2012.
- Lugones, M. Rumo a um feminismo descolonial. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, 2014.
- Martins, L. M. *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.
- Michelin, C. *Design ecossistêmico: um caminho eco-decolonial para a regeneração*. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Bambual Editora, 2024.
- Nascimento, E. L. *O sortilégio da cor: identidade, raça e gênero no Brasil*. São Paulo: Summus, 2003.
- Negi, S. S. *Dos experiencias chilenas de resistencia las arpilleras y viudas*. Arenas, México: Universidad Autónoma de Sinaloa, v. 31, ano 13, p. 117-124, maio/ago. 2012.
- Noel, L-A. *Design Social Change: take action, work toward equity, and challenge the status quo*. California: Ten Speed Press, 2023. 132 p.
- Noronha, R. G. The collaborative turn: challenges and limits on the construction of a common plan and *autonomía* in design. *Strategic Design Research Journal*. v.11, n.2, 2018. p. 125-135.
- Noronha, R. G. Especulações sobre relações de poder em práticas de design: reconstruindo os mundos por vir. *Arcos Design*. v.16, n.1, 2023. p. 87-108.
- Noronha, R. G.; ABREU, M. Conter e contar: *autonomía* e *autopoiesis* entre mulheres, materiais e narrativas por meio de Design Anthropology. *Pensamentos em Design*. Belo Horizonte, v.1, n.1, 2021, p.60-75.
- Oliveira, R. E.; Da-Glória, P.; Neves, W. A. A percepção do meio ambiente por parte da população atual de Lagoa Santa e suas implicações para a arqueologia regional. *Revista de Arqueologia*. v. 31, n. 1, 2018. p. 104-130.
- Peña, L.; Anastassakis, Z. DESIGN DE FUTUROS: especulações sobre Brasis possíveis a partir de uma abordagem contracolonial. In: *Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design*, 2024, Manaus. Manaus: EDUA, 2024. v.1. s/p.
- Pérez Comisso, M. A. *Latin American Futurism/s Technologies, Visions, and Communities of Futures-Making and Forward-Knowing*. 2023. Tese de Doutorado. Arizona State University.
- Rivera cusicanqui, S. *Sociología de la imagen: miradas ch'ixi desde la historia andina*. Buenos Aires: Tinta Limón, 2015.
- Saijo, T. Future Design: an introduction. In: SAIJO, Tatsuyoshi. *Future Design: incorporating preferences of future generations for sustainability*. Singapura: Springer, 2020, p. 1 a 16.
- Samain, Etienne. *As imagens não são bolas de sinuca*. Como pensam as imagens. Campinas: Editora Unicamp, 2012. p.21-36.
- Santos, A. B. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: UBU, 2023.
- Santos, T. S. dos; NORONHA, R. G. Construindo planos comuns por meio dos materiais: correspondências na comunidade Maracanã. *Cuaderno 209*. Ano 26, n. 209, 2023. p. 9-11.

- Sardar, Z. Colonizing the future: the 'other'dimension of futures studies. *Futures*, v. 25, n. 2, p. 179-187, 1993.
- Simas, L. A.; RUFINO, I. *Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas*. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.
- Smith, L. T. *Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas*. Curitiba: Editora da UFPR, 2018.
- Spivak, G. C. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- Timo, M. B.; Timo, J. B.; Travassos, L. E. P.; Cruz, Í. A.; Gomes, V. H. C. Patrimônio cárstico e espeleológico do município de Matozinhos. Minas Gerais, Brasil. *Caderno de Geografia*. v. 32, n. 72, 2022. p. 523-555.
- Tonkinwise, Cameron. How we intend to future: review of Anthony Dunne and Fiona Raby, speculative everything: design, fiction, and social dreaming. *Design Philosophy Papers*, v. 12, n. 2, p. 169-187, 2015.
- Van Amstel, Frederick M. C. Design prospectivo como uma nova profissão. *Blog Usabilidade*, 2025. Acessado em 12/01/2026. Disponível em: http://www.usabilidadoido.com.br/design_prospectivo_como_uma_nova_profissao.html
- Walsh, C. *¿Interculturalidad y (De)colonialidad?* Gritos, Grietas y siembras desde Abya Yala. 2016.

Resumo. Este artigo articula três pesquisas de doutorado em desenvolvimento no Programa de Pós-graduação em Design (PPGD) da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), que partem de perspectivas contracoloniais, pluriversais e epistemologias situadas. O texto reflete sobre como imaginar, projetar e construir futuros que valorizem saberes, temporalidades e existências historicamente silenciadas. O objetivo é propor práticas projetuais contracoloniais que descolonizem o futuro, valorizem os saberes e fazeres, temporalidades circulares e memórias coletivas. A primeira pesquisa é sobre o design de futuros via amefricanidade, afrofuturismo e futurismos indígenas; a segunda, designantropologia em Mocambo, sobre saberes femininos socioambientais e a terceira analisa fazeres manuais de mulheres negras e suas narrativas. Como resultado, evidencia-se um design relacional e pluriversal, onde o protagonismo de comunidades marginalizadas não é adendo, mas fundamento para futuros transformadores, abrindo encruzilhadas epistemológicas.

Palavras-chave. design de futuro - designantropologia - pluriverso - afrofuturismo - narrativas.

Abstract: This article is based on the research of Natal Chicca Junior, entitled "The Use of Projects through Generic Text-to-Image AI as a Visual Language Applied to Education," which documents various perspectives on the use of AI in design and aims to facilitate its understanding and responsible use, integrating these technologies into disciplines where human creativity is the basis of the learning process. Starting from this

basis, the article seeks to highlight other important aspects, specifically manifestations of dependence, influence on social dynamics, and creative autonomy. The methodology includes longitudinal monitoring with periodic evaluations and qualitative analysis. The results identify critical moments in which technological assistance ceases to be a tool for empowerment and becomes a cognitive limitation. The article also considers pedagogical strategies that enhance the benefits of AI without compromising creative and social skills, offering a concrete and balanced perspective on the training of contemporary designers.

Keywords: Artificial intelligence - creativity - creative learning - generative design - technological dependence - design methodology.

[Las traducciones de los abstracts fueron supervisadas por el autor de cada artículo.]

Ana Paula Medeiros Teixeira dos Santos. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Mestre em Tecnologia & Sociedade, Universidade do Estado de Minas Gerais, ana.0198399@discente.uemg.br

Gabrielle Lana Linhares. Universidade do Estado de Minas Gerais, Mestre em Design, Universidade do Estado de Minas Gerais, gabriellelana@gmail.com

Tatiana de Castro e Souza. Universidade do Estado de Minas Gerais, Mestre em Design, Universidade do Estado de Minas Gerais, taticastru@gmail.com

Marcelina das Graças de Almeida. Universidade Federal de Minas Gerais, Doutora em História, Universidade do Estado de Minas Gerais, marcelina.almeida@uemg.br